



Panorama Epidemiológico das Internações e Óbitos por Endometriose no Brasil (2015–2025)

Eduardo Coutinho F. Bocate¹, Camila Maria de Ávila², Valana Justina Formighieri Puzzi², Gabriel Francisco Donadel Machiavelli², Karine Costa Ferreira³, Amanda Heloisy Schuster³, Beatriz Celsiany Candido da Silva³, Amanda Gabrielly dos Santos³, Ane Caroline de Assis², Beatriz Minhos Matos Caetano³, Gabrielli Rorato Tenca³, Victoria Bulla Ronco⁴, Isadora Carolina Rissi Colombo⁴, Izabele Gomes Malaquias da Silva⁴, Mirela de Pieri Cioni⁵, Isabela Gusso Batista⁶, João Paulo Machado Carneiro Capello⁶, Carla Jussiene da Silva⁴, Ynaê Mahatma Paiva Franco⁷, Lorena Roberta dos Santos Fogaça²



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n11p1940-1952>

Artigo recebido em 15 de Outubro e publicado em 25 de Novembro de 2025

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este estudo tem por objetivo analisar a epidemiologia das internações e óbitos por Endometriose no Brasil no período de 2015 a 2025. Trata-se de uma pesquisa retrospectiva, quantitativa e epidemiológica, utilizando dados secundários obtidos por meio do Sistema de Informações Hospitalares do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (SIH/DATASUS). Foram avaliadas variáveis como região geográfica, faixa etária e raça/cor. Durante o período estudado, foram registradas 125.217 internações por Endometriose, com maior concentração na Região Sudeste (42,8%), seguida pelas regiões Nordeste (25,5%) e Sul (17,8%). As faixas etárias mais acometidas foram 30 a 49 anos, que juntas representaram 67,7% de todas as internações. A população parda foi a mais afetada (42,7%), seguida pela população branca (36,8%). Foram registrados ainda 166 óbitos relacionados à doença, com maior predominância na Região Sudeste (47,0%). Os resultados evidenciam a elevada carga assistencial associada à Endometriose no país e reforçam a necessidade de fortalecimento das políticas públicas voltadas ao diagnóstico precoce, ampliação do acesso a serviços especializados e aprimoramento dos sistemas de informação em saúde.

Palavras-chave: Endometriose; Morbidade; Epidemiologia; Brasil.

Epidemiological Overview of Hospitalizations and Deaths Due to Endometriosis in Brazil (2015–2025)

ABSTRACT

This study aims to analyze the epidemiology of hospitalizations and deaths due to Endometriosis in Brazil from 2015 to 2025. This is a retrospective, quantitative, and epidemiological study using secondary data obtained from the Hospital Information System of the Department of Informatics of the Unified Health System (SIH/DATASUS). Variables analyzed included geographic region, age group, and race/color. During the study period, 125,217 hospitalizations due to Endometriosis were recorded, with the highest concentration in the Southeast region (42.8%), followed by the Northeast (25.5%) and South (17.8%). The most affected age groups were 30 to 49 years old, which together accounted for 67.7% of all hospitalizations. The brown population was the most affected (42.7%), followed by the white population (36.8%). A total of 166 deaths associated with the disease were recorded, with the highest proportion occurring in the Southeast region (47.0%). The findings highlight the substantial healthcare burden associated with Endometriosis in Brazil and emphasize the need to strengthen public policies focused on early diagnosis, expanding access to specialized care, and improving the quality of health information systems.

Keywords: Endometriosis; Morbidity; Epidemiology; Brazil.

Instituição afiliada – Universidade Estadual de Ponta Grossa¹, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz², Universidade Paranaense³, Centro Universitário Cesumar⁴, Centro Universitário Integrado⁵, Pontifícia Universidade Católica do Paraná⁶, Faculdades Pequeno Príncipe⁷

Autor correspondente: Nome do autor que submeteu o artigo [email do autor@gmail.com](mailto:email_do_autor@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A endometriose é uma doença ginecológica crônica caracterizada pela presença de tecido semelhante ao endométrio fora da cavidade uterina, desencadeando um processo inflamatório persistente associado à dor pélvica crônica, dispareunia, dismenorrea incapacitante, alterações intestinais cíclicas e, em muitos casos, infertilidade. Trata-se de uma condição de grande relevância para a saúde pública, com prevalência estimada entre 5% e 10% das mulheres em idade reprodutiva, além de expressivo impacto funcional, psicossocial e econômico decorrente do manejo clínico prolongado e da alta taxa de recorrência (Zondervan et al., 2020).

Apesar da elevada prevalência, o diagnóstico da endometriose ainda representa um desafio significativo. Muitas pacientes enfrentam atrasos superiores a sete anos entre o início dos sintomas e a confirmação diagnóstica, reflexo da inespecificidade clínica e da banalização social da dor menstrual. Em adolescentes, esse problema é ainda mais acentuado, pois sintomas como dismenorrea severa frequentemente são subestimados, contribuindo para estágios mais avançados no momento do diagnóstico (AAP; ACOG, 2018). A ausência de testes laboratoriais específicos e a necessidade de exames complementares especializados — como ultrassonografia transvaginal com preparo intestinal e, em alguns casos, laparoscopia — reforçam as dificuldades inerentes ao manejo da doença.

No contexto brasileiro, a endometriose configura importante causa de internações hospitalares, conforme dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), refletindo não apenas sua ampla prevalência, mas também as desigualdades regionais no acesso aos serviços de saúde, aos métodos diagnósticos adequados e às abordagens terapêuticas especializadas. A análise epidemiológica das internações e óbitos registrados entre 2015 e 2025 permite identificar padrões de adoecimento, variações demográficas e possíveis lacunas assistenciais, subsidiando estratégias de planejamento e políticas públicas voltadas ao diagnóstico precoce, à qualificação do cuidado e à ampliação da rede de atenção à saúde da mulher no Brasil.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa retrospectiva, com abordagem quantitativa, baseada na análise de dados secundários obtidos por meio do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (SIH/DATASUS). Os dados analisados referem-se ao perfil epidemiológico das internações e óbitos hospitalares por Endometriose no Brasil, no período compreendido entre janeiro de 2015 e janeiro de 2025.

Para a realização da coleta de dados, foi utilizado o código correspondente à Endometriose, segundo a Classificação Internacional de Doenças, 10ª revisão (CID-10), presente na Lista Morb CID-10 do DATASUS. A pesquisa foi conduzida no sistema TABNET, selecionando-se informações relacionadas ao número de internações e óbitos por região geográfica, faixa etária e raça/cor, além do total de registros consolidados no período investigado.

Os critérios de inclusão abrangeram todos os registros de internações e óbitos hospitalares por Endometriose no território nacional durante o período analisado, independentemente da idade ou raça/cor das pacientes. Foram excluídos os registros não categorizados especificamente sob o código CID relativo à Endometriose, bem como aqueles considerados incompletos ou inconsistentes quanto ao preenchimento da causa básica do óbito ou das variáveis selecionadas.

Após a coleta, os dados foram organizados e analisados por meio do software Microsoft Excel 2016, com construção de tabelas descritivas que permitiram a comparação das internações e óbitos ao longo dos anos e entre as diferentes regiões do país. As tabelas foram posteriormente transpostas para o Microsoft Word 10 para apresentação dos resultados de forma clara e sistematizada.

Por se tratar de uma análise baseada exclusivamente em dados secundários,

públicos e de acesso irrestrito, sem envolver informações capazes de identificar indivíduos, este estudo está dispensado de apreciação por Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelecido na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

No Brasil, entre janeiro de 2015 e janeiro de 2025, foram registradas 125.217 internações por Endometriose, conforme dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). A Região Sudeste apresentou o maior número de internações, totalizando 53.667 registros (42,8%) do total nacional. Em seguida, a Região Nordeste contabilizou 31.932 internações (25,5%), enquanto a Região Sul registrou 22.268 casos (17,8%). A Região Centro-Oeste acumulou 9.126 internações (7,3%) e, por fim, a Região Norte apresentou o menor volume, com 8.224 registros (6,6%). O Quadro 1 apresenta a distribuição das internações por Endometriose no Brasil, segundo o ano de atendimento, no período de 2015 a 2025.

Quadro 1. Internações por Endometriose segundo região (2015–2025), Brasil

Ano	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Brasil (Total)
2015	713	3.216	5.177	2.553	780	12.439
2016	688	3.350	4.823	2.444	627	11.932
2017	651	2.908	4.730	2.113	726	11.128
2018	732	3.118	5.579	2.144	833	12.406
2019	702	3.050	5.229	2.140	868	11.989
2020	450	1.936	3.003	1.236	577	7.202
2021	600	2.397	3.460	1.315	652	8.424
2022	941	3.826	6.022	2.180	1.062	14.031
2023	1.140	3.713	7.216	2.533	1.360	15.962
2024	1.504	4.081	7.801	3.350	1.543	18.279
2025	53	238	381	169	55	896
Total	8.224	31.932	53.667	22.268	9.126	125.217

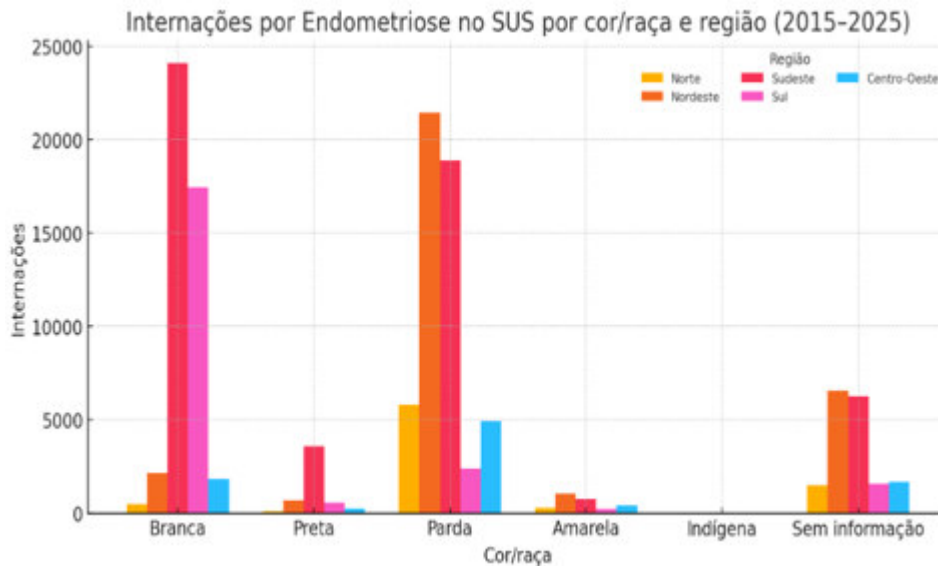


Ao analisar as internações por Endometriose segundo cor/raça, observou-se que a população parda apresentou o maior número de registros, totalizando 53.501 internações, o que corresponde a 42,7% do total nacional. Na sequência, a população branca contabilizou 46.052 internações (36,8%), enquanto a população preta registrou 5.201 casos (4,2%). A população amarela apresentou 2.764 internações (2,2%), e a população indígena, 80 casos (0,06%).

Um aspecto relevante é o elevado contingente de internações com cor/raça não informada, que totalizou 17.619 registros (14,1%), o que pode comprometer a acurácia das análises epidemiológicas e a compreensão das desigualdades raciais no acesso e na utilização dos serviços de saúde.

Entre as regiões do país, a Região Sudeste apresentou o maior número absoluto de internações em quase todos os grupos raciais, destacando-se 24.118 registros entre pessoas brancas, 18.897 entre pardas e 3.570 internações entre pessoas pretas. Em contraste, a Região Norte apresentou um perfil proporcionalmente distinto: das 8.224 internações totais, 5.827 (70,8%) ocorreram entre pessoas pardas, representando a maior concentração proporcional desse grupo racial no país (Quadro 2).

Quadro 2: Internações por Endometriose segundo cor/raça e região (2015–2025), Brasil



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

Ao analisar as internações por Endometriose segundo faixa etária, no período de janeiro de 2015 a janeiro de 2025, observou-se que a maior concentração de casos ocorreu entre mulheres em idade reprodutiva e perimenopausa. As faixas etárias 30 a 39 anos e 40 a 49 anos foram responsáveis pelo maior volume de internações, totalizando 31.037 (24,8%) e 53.781 (42,9%) registros, respectivamente. Juntas, essas duas faixas representam 67,7% de todas as internações registradas no país.

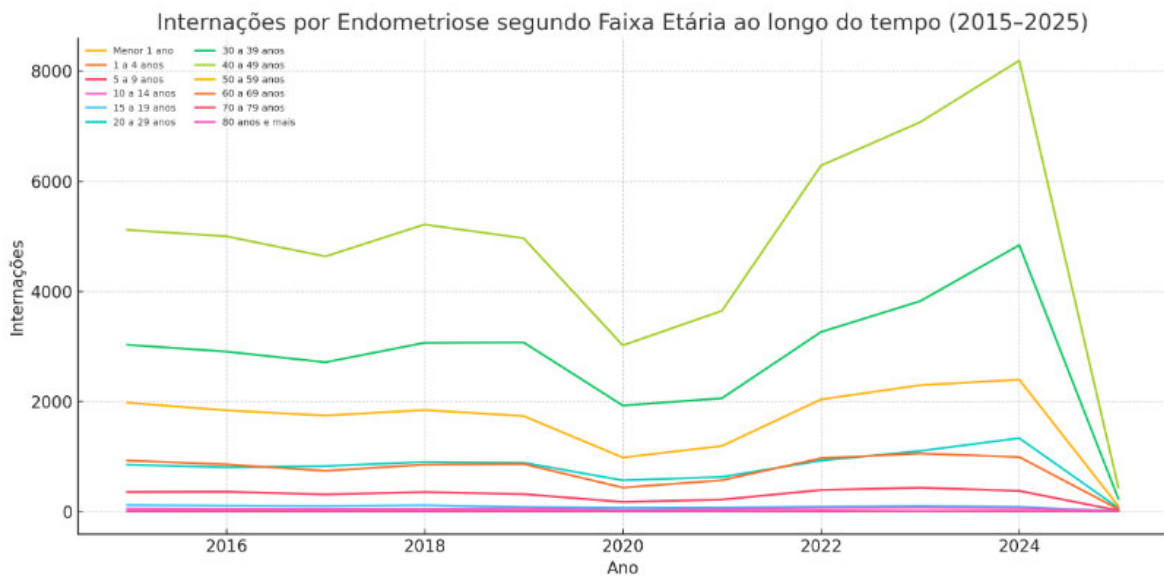
Em seguida, destacaram-se as faixas 20 a 29 anos, com 8.920 internações (7,1%), e 50 a 59 anos, com 18.215 registros (14,5%), refletindo a continuidade do impacto clínico da doença ao longo da vida adulta. As internações diminuem progressivamente nas faixas etárias mais avançadas, com 8.330 casos entre 60 e 69 anos (6,6%), 3.298 entre 70 e 79 anos (2,6%), e 524 registros em pessoas com 80 anos ou mais (0,4%).

As faixas pediátricas e adolescentes apresentaram valores residuais, embora relevantes do ponto de vista epidemiológico para a investigação de endometriose juvenil: foram 22 internações em menores de 1 ano, 7 casos entre 1 e 4 anos, 5 entre 5 e 9 anos, 134 entre

10 e 14 anos, e 944 internações entre 15 e 19 anos. Essas ocorrências, ainda que pouco frequentes, reforçam a necessidade de atenção especializada para diagnóstico precoce em adolescentes.

A distribuição ao longo dos anos demonstra tendência de crescimento das internações, especialmente a partir de 2021, com pico em 2024 (18.279 casos), possivelmente associado à ampliação do acesso aos serviços e ao aprimoramento da detecção da doença. Esses resultados estão detalhados no Quadro 3.

Quadro 3. Internações por Endometriose segundo faixa etária e ano de atendimento (2015–2025), Brasil



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

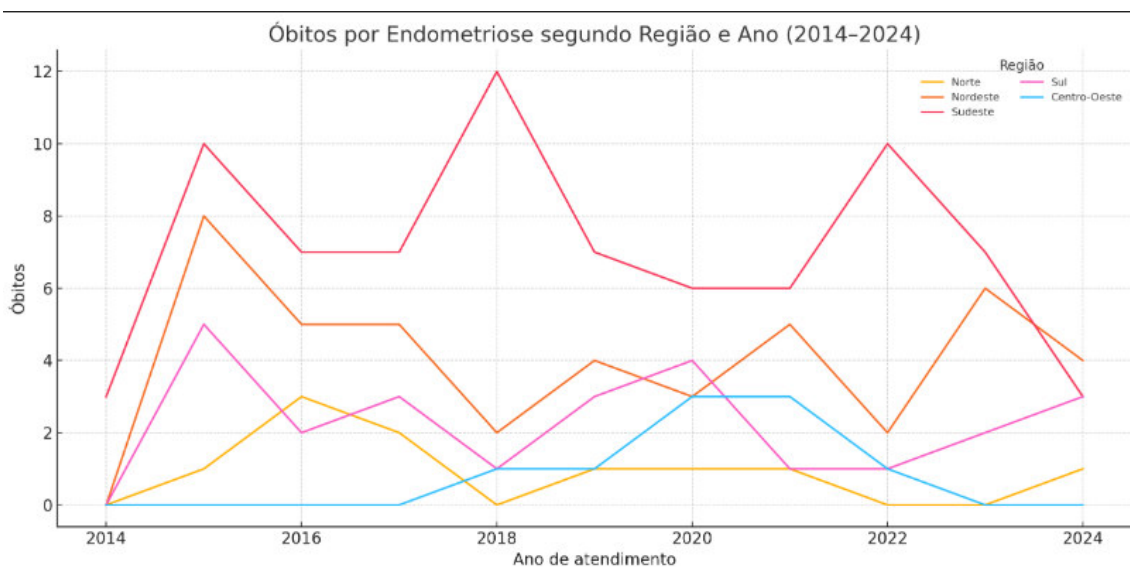
Ao analisar os óbitos por Endometriose no Brasil entre janeiro de 2015 e janeiro de 2025, observou-se que foram registrados 166 óbitos no período, conforme dados do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). A maior concentração ocorreu na Região Sudeste, com 78 óbitos, representando 47,0% do total nacional. Em seguida, a Região Nordeste contabilizou 44 óbitos (26,5%), enquanto a Região Sul registrou 25 casos (15,0%). As regiões com menores registros foram o Centro-Oeste, com 9 óbitos (5,4%), e a Região Norte, com 10 óbitos (6,0%).

A distribuição temporal revela relativa estabilidade ao longo dos anos, com pequenas oscilações anuais e picos discretos, como em 2015 (24 óbitos) e 2020 (17 óbitos). Em diversas ocasiões, observa-se ausência de registros em determinadas regiões, especialmente Norte e Centro-Oeste, sugerindo possíveis variações de notificação ou baixa magnitude do evento.

A Região Sudeste apresentou número absoluto superior às demais em quase todos os anos analisados, reforçando seu peso demográfico e sua maior rede hospitalar. Em contraste, a Região Norte manteve valores reduzidos e irregulares ao longo do período, com ocorrência máxima de 3 óbitos em 2016.

Esses dados evidenciam que, embora os óbitos por Endometriose sejam eventos incomuns, existe um padrão regional heterogêneo, com maior concentração nas regiões mais populosas e estruturadas do país (Quadro 4).

Quadro 4. Óbitos por Endometriose segundo região e ano de atendimento (2015–2025), Brasil



Fonte: Ministério da Saúde - Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS)

DISCUSSÃO

A análise das internações e óbitos por Endometriose no Brasil, no período de janeiro de 2015 a janeiro de 2025, revela a expressiva carga assistencial associada à doença e reforça sua importância como condição ginecológica crônica de grande impacto clínico, social e econômico. Foram registradas 125.217 internações, com nítida concentração na Região Sudeste (42,8%), seguida pelas regiões Nordeste (25,5%) e Sul (17,8%). Esse padrão acompanha a distribuição populacional brasileira, mas também reflete a maior disponibilidade de centros especializados, particularmente em laparoscopia e tratamento da dor pélvica, conforme descrito por Zondervan, K. T. et al. (2020), que destaca a endometriose como uma das principais causas de hospitalização ginecológica no mundo.

Quando analisados os dados segundo cor/raça, observou-se predominância de internações entre mulheres pardas (42,7%) e brancas (36,8%). Todavia, destaca-se o elevado número de registros sem informação (14,1%), o que compromete a avaliação das desigualdades raciais no acesso ao diagnóstico e tratamento. Estudos recentes mostram que populações não brancas tendem a enfrentar maiores barreiras para obter diagnóstico oportuno, muitas vezes resultando em atraso terapêutico prolongado. Um exemplo significativo é a Região Norte, onde 70,8% das internações ocorreram entre mulheres pardas, refletindo padrões demográficos regionais e potenciais desigualdades estruturais.

A distribuição por faixa etária reforça o perfil clássico da endometriose como doença predominante em mulheres em idade reprodutiva. As faixas 30–39 anos (24,8%) e 40–49 anos (42,9%) concentraram mais de dois terços das internações, compatíveis com a apresentação clínica descrita por Zondervan, K. T. et al. (2020). O volume expressivo na faixa 20–29 anos também aponta para impacto precoce em aspectos reprodutivos, ocupacionais e psicossociais.

Ainda que menos frequentes, as internações em adolescentes — especialmente 134

casos entre 10–14 anos e 944 entre 15–19 anos — chamam atenção para a necessidade de reconhecimento precoce da doença nessa população. Segundo a American Academy of Pediatrics e o American College of Obstetricians and Gynecologists (AAP; ACOG, 2018), adolescentes com dismenorreia intensa e refratária apresentam maior probabilidade de apresentar endometriose avançada, tornando essencial o diagnóstico precoce.

A análise temporal evidencia impacto direto da pandemia de COVID-19 sobre a oferta de serviços ginecológicos. O declínio nas internações em 2020 e o crescimento subsequente, com pico em 2024, seguem padrões semelhantes aos identificados em outros países, onde houve suspensão de cirurgias eletivas e atraso significativo na assistência a pacientes com endometriose.

Em relação à mortalidade, embora rara na história natural da doença, foram registrados 166 óbitos no período. Esses eventos tendem a estar associados a complicações graves, como infecções severas, ruptura de cistos, hemorragias e comprometimento intestinal, conforme discutido em relatos e revisões recentes, especialmente em contextos de diagnóstico tardio. A maior concentração de óbitos no Sudeste reflete tanto o maior volume populacional quanto a maior capacidade de hospitalização e notificação.

No conjunto, os achados reforçam que a endometriose constitui um importante problema de saúde pública no Brasil, marcado por alta prevalência, importante impacto funcional, desigualdades regionais e raciais e persistência de atrasos diagnósticos. Para enfrentar esse cenário, é fundamental a ampliação do acesso ao diagnóstico precoce, a capacitação de profissionais da atenção primária, o fortalecimento de centros de referência e a melhoria da qualidade dos registros epidemiológicos — estratégias já apontadas como essenciais por autores internacionais (Zondervan, K. T. et al., 2020;).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das internações e óbitos por endometriose entre 2015 e 2025 evidencia



importante carga assistencial, concentrada principalmente nas regiões Sudeste, Nordeste e Sul e entre mulheres de 30 a 49 anos. A alta proporção de registros sem informação de cor/raça limita a compreensão das desigualdades, mas os padrões regionais indicam possíveis disparidades no acesso ao diagnóstico e tratamento. A queda das internações em 2020 e o aumento posterior sugerem impacto da pandemia de COVID-19 na continuidade da assistência. Apesar de raros, os óbitos associados à doença reforçam a possibilidade de complicações graves. Esses achados destacam a necessidade de fortalecer a rede de atenção, ampliar o acesso ao diagnóstico precoce e aprimorar a qualidade dos registros em saúde para melhorar o cuidado das mulheres com endometriose no país.

REFERÊNCIAS

AAP; ACOG. Dysmenorrhea and endometriosis in the adolescent. Committee Opinion No. 760, American College of Obstetricians and Gynecologists, 2018. Disponível em: <https://www.acog.org/clinical/clinical-guidance/committee-opinion/articles/2018/12/dysmenorrhea-and-endometriosis-in-the-adolescent>. Acesso em: 9 fev. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS). Dados de internação e óbitos por Endometriose (2015–2025). Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ZONDERVAN, K. T. et al. Endometriosis. *New England Journal of Medicine*, v. 382, p. 1244–1256, 2020. DOI: 10.1056/NEJMra1810764. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMra1810764>. Acesso em: 12 fev. 2025.